

O MANDARINATO DA TECNOLOGIA E OS PEQUENOS AGRICULTORES PAULISTAS

*Evaristo Eduardo de MIRANDA **

A agricultura paulista responde hoje por quase um quarto da produção agrícola nacional. Apesar de apresentar altos índices de produtividade e tecnificação compreende também regiões e categorias de agricultores completamente marginalizados desse processo de modernização e de seus benefícios.

Na fachada litorânea, no vale do Ribeira e no Pontal do Paranapanema, tem-se a impressão - ao analisar as estruturas e os sistemas de produção da maioria dos agricultores - de que o progresso técnico e social é um futuro distante e quase inatingível. Já nas regiões de Itararé, do vale do Paraíba, de Itapetininga, de Assis e outras, tem-se um quadro onde, após alguns períodos de prosperidade agrícola, vive-se uma fase de dificuldades aparentemente intransponíveis. O contexto é de êxodo rural, erosão, extensão de pastagens e reflorestamentos, degradação do potencial produtivo das terras, intensificação dos processos de concentração fundiária, etc...

Qual a responsabilidade da pesquisa agropecuária nessa situação? Nenhuma? Cabe uma reflexão sobre as relações efetivas que existem entre a elite técnico-científica brasileira e paulista, que há mais de cem anos gera tecnologias, e seus principais beneficiários - em princípio - os agricultores e os consumidores.

Preocupados em compreender alguns elementos dessa situação paradoxal, que reúne lado a lado uma enorme reserva de tecnologias e agricultores que não as utilizam, pesquisadores do Centro Nacional de Pesquisa de Defesa da Agricultura e de vários órgãos do governo do Estado de São Paulo vêm realizando pesquisas conjuntas em algumas regiões do estado. Elas têm como objetivo principal a caracterização das estruturas e dos sistemas de produção dos agricultores. Nesse enfoque, analisa-se a propriedade agrícola como um todo coerente e não como a simples soma contábil de um certo número de atividades. Mais de dois mil pequenos agricultores já foram cadastrados em vários municípios paulistas e estão constituindo um banco de dados que deverá atingir, em breve, mais de cinco mil unidades de produção. Parte desse arquivo tem sido objeto de um tratamento informatizado

* *Doutor em Ecologia, Pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Defesa da Agricultura, CNPDA/EMBRAPA - Jaguariúna - S.Paulo.*

visando obter uma tipificação dos agricultores e de seus sistemas de produção, identificando os principais fatores que limitam a produção e a produtividade em cada caso. Dentre esses fatores, os passíveis de solução técnica têm merecido especial atenção, independentemente de sua importância relativa na problemática da propriedade rural.

Por constatar que a grande maioria dos agricultores estudados não possui energia elétrica, não têm acesso ao crédito, não recebe assistência técnica, nem dispõe de tecnologias pertinentes aos problemas técnicos que enfrentam, tem-se refletido sobre as causas da baixa eficiência do atual sistema de geração e difusão de tecnologia para esse universo de produtores.

Tirando um grupo de 5 a 10% de agricultores de ponta, cerca de 60% dos casos pesquisados praticam sistemas de cultivo e criação que pouco, incorporaram dos avanços tecnológicos do estado. Pelo contrário, enfrentam problemas técnicos de solução relativamente simples mas que não estão sendo objeto de pesquisas. Nada indica que o serão num futuro próximo. Mas isso talvez não seja o pior. Um outro grande grupo, cerca de 30% do restante, bastante diversificado, fez nos últimos quinze anos, um grande esforço de modernização. Nesse caso o uso de tecnologias - geradas para um outro contexto sócio-econômico e por vezes agroecológico - se dá de forma incorreta, incompleta, incoerente e por vezes até absurda. Isso acarreta elevados custos de produção, um grande impacto ambiental e um importante risco para a saúde dos próprios agricultores e consumidores. Um esforço de assistência técnica adequada poderia superar essa situação. Todavia, nada no momento atual deixa entrever mudanças na estrutura de assistência governamental que viabilize os meios técnicos, financeiros e humanos, além do entusiasmo, capaz de reverter esse quadro.

Apesar de exceções e esforços localizados que talvez cheguem a resultados positivos, para a grande maioria dos pequenos agricultores das regiões estudadas, o quadro é de estagnação econômica e social, quando não de descapitalização e degradação do potencial produtivo das propriedades. Esse retrato informatizado de cinco mil agricultores talvez servirá, para uma comparação, daqui a uns dez anos, sobre a situação desses mesmos indivíduos, na entrada do terceiro milênio. Ao que tudo indica - sem uma revisão dos programas e metas da pesquisa e da difusão de tecnologia nessas áreas - pouco terá mudado.

As pastagens de Taubaté, o feijão de Itararé, a banana de Sete Barras, o milho e o arroz dos projetos de regularização fundiária e de assentamento... continuarão enfrentando uma situação problemática onde a vizinhança de exemplos isolados de desenvolvimento da agricultura são sinônimo de ameaça de extinção de agricultores pelos processos de concentração fundiária e proletarização rural. O pior é que hoje, como quem sabe amanhã, grande parte do mandarinato da tecnologia estará tranquilo nas suas cidadelas celestes de escritórios, laboratórios, campos experimentais, congressos, viagens e publicações especializadas. Ignorando que *Ab objecto et potentia paritur notitia*.